

# A Prática da Psicologia na Orientação Parental: um relato de estágio em Serviço-Escola

*The practice of Psychology in Parental Counseling:  
A Service-Learning Internship Report*

*La práctica de la psicología en la orientación parental:  
un informe de prácticas en un entorno de escuela-servicio*

Francine da Cunha de Oliveira<sup>1</sup> , Adams Friedemann<sup>2</sup> 

**Resumo:** A orientação parental, enquanto espaço de escuta e acolhimento, configura-se como um dispositivo potente para o fortalecimento das relações familiares e promoção da saúde emocional. Este artigo apresenta um relato de experiência a partir do acompanhamento de uma estudante de Psicologia em estágio em um grupo de Orientação Parental. A experiência, registrada em diário de campo, revelou a relevância da escuta ativa, da criação de vínculos e da mediação empática como recursos terapêuticos fundamentais. A partir do acompanhamento de uma das participantes do grupo, observou-se um processo gradual de transformação pessoal e familiar, impulsionado pela troca entre pares, pelo acolhimento coletivo e pelo fortalecimento da autonomia materna. O estudo ressalta ainda a importância da formação prática e reflexiva do futuro psicólogo, apontando o diário de campo como uma importante ferramenta no desenvolvimento de um olhar sensível, ético e comprometido com a singularidade dos sujeitos atendidos.

**Palavras-chave:** Parentalidade; orientação parental; vínculo.

**Abstract:** Parental guidance, as a space for listening and welcoming, constitutes a powerful tool for strengthening family relationships and promoting emotional health. This article presents a case report by a Psychology intern at a University Clinic, during her work with a parental guidance group aimed at mothers. The experience, supported by a field diary, revealed the relevance of active listening, bond creation, and empathetic mediation as fundamental therapeutic resources. From the follow-up of one of the participants, a gradual process of personal and family transformation was observed, driven by peer exchange, collective support, and the strengthening of maternal autonomy. The study also highlights the importance of practical and reflective training for future psychologists, emphasizing the field diary as an essential tool for developing a sensitive, ethical, and committed perspective toward the uniqueness of those being assisted.

**Keywords:** Parenthood; parental guidance; bond.

**Resumen:** La orientación parental, entendida como un espacio de escucha y acogida, se configura como un dispositivo poderoso para el fortalecimiento de las relaciones familiares y la promoción de la salud emocional. Este artículo presenta un relato de experiencia basado en el acompañamiento de una estudiante de Psicología en prácticas en un grupo de Orientación Parental. La experiencia, registrada en un diario de campo, reveló la relevancia de la escucha activa, la construcción de vínculos y la mediación empática como recursos terapéuticos fundamentales. A partir del seguimiento de una de las participantes del grupo, se observó un proceso gradual de transformación personal y familiar, impulsado por el intercambio entre pares, la acogida colectiva y el fortalecimiento de la autonomía materna. El estudio también resalta la importancia de la formación práctica y reflexiva del futuro psicólogo, señalando el diario de campo como una herramienta clave para el desarrollo de una mirada sensible, ética y comprometida con la singularidad de los sujetos atendidos.

**Palabras clave:** Parentalidad; orientación parental; vínculo.

<sup>1</sup> Afiliação: Pedagogia (UFRGS), Especialização em Psicopedagogia (Uni La Salle), Graduada em Psicologia pela Faculdade Anhanguera, Porto Alegre, RS, Brasil E-mail: francine.dcoliveira@gmail.com

<sup>2</sup> Afiliação: Psicólogo (UFCSPA), Mestre em Psicologia (UFRGS), formação em Psicoterapia Psicanalítica (Associação Gaepsi), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: adamsfmann@gmail.com

Autor Correspondente: Francine da Cunha de Oliveira Endereço: Av. da Cavalhada, 4890 - Cavalhada, Porto Alegre - RS, 91740-000. E-mail: francine.dcoliveira@gmail.com

Recebido em: 27/08/2025 | Alterado em: 26/11/2025 e 15/01/2026 | Aceito em: 10/02/2026

A parentalidade é uma experiência relacional complexa, atravessada por elementos históricos, culturais e subjetivos. Seu exercício envolve a constituição de vínculos afetivos e a mediação do desenvolvimento da criança, sendo reconhecida como uma das funções sociais de maior relevância na estruturação psíquica dos sujeitos (Macarini et al., 2010). Para além da dimensão simbólica, a parentalidade também implica responsabilidades concretas, como prover alimentação, segurança, higiene, saúde e acolhimento emocional. Ela inclui ainda a tarefa de apresentar a criança ao mundo – por meio do brincar, da linguagem, do contato com outras crianças e adultos – criando oportunidades para a construção de vínculos, a exploração e o aprendizado (Carvalho et al., 2019). É nesse contexto cotidiano que se estabelecem as primeiras experiências de pertencimento e de reconhecimento, essenciais para a constituição subjetiva. No entanto, os desafios impostos à parentalidade são amplificados por fatores contemporâneos, como a precarização das redes de apoio, as desigualdades sociais e as transformações nas configurações familiares.

Entre os arranjos familiares na atualidade, destaca-se a monoparentalidade, marcada pela presença exclusiva de um dos genitores na criação dos filhos. No Brasil, a maior parte dessas famílias é composta por mulheres que exercem a função parental de forma solitária (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023). Essas mulheres acumulam múltiplas funções sociais, conjugando o cuidado com o trabalho, a manutenção da casa e, muitas vezes, a ausência de suporte emocional e financeiro, o que acarreta um cenário de sobrecarga física e psíquica (Féres-Carneiro, 2009).

A orientação parental constitui uma estratégia de cuidado que pode beneficiar famílias em diferentes contextos socioculturais, uma vez que os desafios do exercício parental atravessam classes sociais, níveis de escolaridade e configurações familiares distintas. Assim, evita-se associar de forma direta dificuldades parentais exclusivamente a contextos de vulnerabilidade social, reconhecendo que demandas relacionadas à parentalidade e à coparentalidade também se fazem presentes em famílias com maior acesso a recursos materiais e simbólicos (Gonçalves et al., 2020). Realizada por meio de encontros mediados por profissionais da psicologia, a orientação parental possibilita a troca de experiências, a elaboração de angústias cotidianas e o desenvolvimento de estratégias mais conscientes no exercício do cuidado com os filhos (Pardo & Carvalho, 2012).

No campo da Psicologia, a orientação parental tem se consolidado como uma intervenção importante no contexto da atenção básica em saúde mental (Quiterio et al., 2021), sendo implementada por profissionais ou estagiários supervisionados em espaços como Serviço-Escola, unidades de saúde e instituições comunitárias. A partir dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência em um grupo de orientação parental em Serviço-Escola de Psicologia.

## O grupo de orientação parental

O presente relato refere-se a uma experiência desenvolvida no âmbito de um Estágio Básico em Psicologia, caracterizado por atividades iniciais de observação e de intervenção supervisionada, pautadas no referencial teórico-técnico da psicanálise. Diferentemente dos estágios específicos, que possuem direcionamento técnico-clínico definido, o estágio básico tem como objetivo favorecer a aproximação do estudante à prática profissional, promovendo o desenvolvimento da escuta clínica, da observação sistemática e da reflexão crítica sobre os processos de cuidado em saúde mental (Conselho Federal de Psicologia, 2024).

O contexto do estágio foi um grupo de Orientação Parental em Clínica Escola de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior privada, localizada na região Sul do Brasil, que oferece atendimentos psicológicos gratuitos à comunidade. O grupo foi composto exclusivamente por mães de crianças e adolescentes, tendo sido realizado ao longo de um semestre letivo, com encontros semanais de uma hora cada. Participaram do grupo duas mães, uma com dois filhos e outra com um filho.

No grupo de orientação parental, atuaram estagiárias vinculadas aos estágios básicos, responsáveis pelo acompanhamento dos encontros, pelos registros em diário de campo (Faculdade Anhanguera, 2024) e

por intervenções pontuais, sempre sob supervisão, bem como estagiárias dos estágios específicos, que assumiam funções de maior responsabilidade técnica na condução dos encontros, fundamentadas na psicanálise, em termos de compreensão dos fenômenos e de intervenção técnica (Silva et al., 2019). No contexto da formação em Psicologia, a realização do estágio em Serviço-Escola possibilita a vivência prática da escuta clínica e da mediação grupal, favorecendo o desenvolvimento de competências como sensibilidade ética, empatia, escuta ativa e manejo de vínculos (Gonçalves et al., 2020; Faria & Nogueira, 2021).

O grupo de orientação parental foi estruturado como um espaço de caráter psicoeducativo e reflexivo, voltado ao fortalecimento das funções parentais e à ampliação da consciência sobre práticas de cuidado, de comunicação e de manejo das relações familiares. As intervenções realizadas caracterizaram-se como ações próprias da orientação parental, distinguindo-se de um grupo psicoterápico tradicional. O foco esteve no compartilhamento de experiências parentais, na reflexão sobre práticas educativas, na validação das angústias cotidianas e no fortalecimento das competências parentais, sem a condução de processos interpretativos aprofundados ou de intervenções voltadas à psicoterapia individual. Não eram realizados manejos interpretativos de conteúdos inconscientes, análises transferenciais sistemáticas ou intervenções clínicas individualizadas, preservando-se o enquadre e os objetivos específicos da proposta de orientação parental.

As estratégias utilizadas incluíram rodas de conversa temáticas, mediações empáticas, perguntas disparadoras, validação das experiências relatadas e intervenções psicoeducativas breves, adaptadas às demandas apresentadas e aos objetivos do grupo. Ainda que o grupo produzisse efeitos terapêuticos, estes emergiam como consequência do acolhimento, da identificação entre pares e da construção coletiva de sentidos, e não como finalidade psicoterápica *stricto sensu*.

Durante todo o processo, o diário de campo foi utilizado como ferramenta metodológica e formativa. Mais do que um simples caderno de anotações, o diário tornou-se um instrumento de análise e elaboração, permitindo à estagiária refletir sobre sua escuta, seus afetos, suas hipóteses clínicas e sua postura ética diante dos sujeitos atendidos. O uso do diário de campo, conforme Faria e Nogueira (2021), favorece a integração entre teoria e prática e possibilita que o estudante compreenda os sentidos mais amplos de sua atuação.

## Considerações éticas

Por se tratar de um relato de experiência decorrente de atividade de estágio com finalidade exclusivamente formativa, sem delineamento de pesquisa sistematizada envolvendo seres humanos, o presente trabalho não foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa. Tal enquadramento fundamenta-se na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/2016, a qual estabelece, em seu parágrafo único, que não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP as atividades que objetivem o aprofundamento teórico de situações emergentes da prática profissional, desde que não revelem dados que permitam a identificação dos sujeitos (inciso VII), bem como aquelas realizadas com intuito exclusivamente educativo, de ensino ou treinamento, sem finalidade de pesquisa científica, no âmbito da formação de estudantes de graduação (inciso VIII). Ainda assim, todas as participantes foram previamente informadas sobre os objetivos e procedimentos do grupo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo assegurados o anonimato, a confidencialidade das informações e o respeito aos princípios éticos que regem a prática profissional em Psicologia.

## Relato de experiência e discussão

O recorte aqui adotado focaliza o acompanhamento de uma participante específica, identificada neste artigo sob o nome fictício de Maria, cuja trajetória, marcada por desafios cotidianos e transformações subjetivas, foi registrada ao longo dos encontros grupais. A seleção da participante se deu a partir da constância de

sua presença, envolvimento nos encontros e riqueza de conteúdo apresentado nas sessões, o que permitiu acompanhar um processo de mudança subjetiva com maior profundidade.

Maria tem 39 anos, é estudante universitária e realiza estágio em sua área profissional. Encontra-se em seu segundo casamento e é mãe de dois filhos: uma menina de 7 anos, filha de seu atual companheiro, e um menino de 12 anos, filho adotivo. Embora Maria não vivencie uma configuração monoparental, observa-se uma dinâmica biparental marcada por uma distribuição desigual das responsabilidades de cuidado. Tal organização evidencia um cenário recorrente nas famílias contemporâneas, no qual, mesmo na presença de parceiros, as mulheres permanecem como principais responsáveis pela gestão do cotidiano doméstico e pelo cuidado dos filhos, acumulando múltiplas funções e experimentando sobrecarga significativa (Féres-Carneiro, 2009).

A participante acompanhada estava inserida em um contexto de vulnerabilidade social, caracterizado por sobrecarga de responsabilidades parentais, limitações de suporte familiar e comunitário, bem como desafios econômicos que impactavam sua organização cotidiana. Embora tais condições possam intensificar tensões no exercício da parentalidade, é importante ressaltar que dificuldades nas relações parentais e coparentais atravessam diferentes contextos socioeconômicos, não sendo exclusivas de famílias em situação de vulnerabilidade. Neste trabalho, a referência a esse contexto não assume caráter explicativo determinista, mas visa situar as condições objetivas que atravessavam a experiência vivida por Maria no momento do acompanhamento.

Ao ingressar no grupo, Maria apresentou como principal foco de preocupação as dificuldades do filho mais velho, que cursava o 6º ano do ensino fundamental e, segundo seu relato, apresentava desafios associados a um histórico de abandono, suspeita de dislexia (em processo de avaliação), desorientação quanto a dias e horários e processo de alfabetização incompleto. O menino era filho de um familiar de Maria que não dispunha de condições estruturais e materiais para exercer os cuidados parentais. Diante dessa situação, solicitou apoio a Maria, que já vinha assumindo parte significativa dos cuidados com a criança. Posteriormente, Maria decidiu, juntamente com seu ex-marido, formalizar a adoção.

O filho mais velho de Maria foi inicialmente acolhido informalmente, em situação juridicamente reconhecida como adoção à brasileira (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios [TJDFT], 2018). Tal condição, embora recorrente na realidade brasileira, não é legalmente recomendada e pode causar impactos específicos na experiência parental e no desenvolvimento da criança, especialmente no que diz respeito à construção de vínculos, ao sentimento de pertencimento e à segurança emocional. Essas questões atravessaram as angústias de Maria ao longo dos encontros, apesar de nem sempre serem explicitadas de forma direta em suas falas iniciais.

A preocupação de Maria com as dificuldades do filho pode ser compreendida, portanto, não apenas como expressão de um zelo materno legítimo, mas também como manifestação de uma ansiedade intensificada e de um sentimento ampliado de responsabilidade, frequentemente associados à criação de crianças com histórico de abandono e possíveis vulnerabilidades no desenvolvimento (Schwochow & Frizzo, 2021). Nesse sentido, a queixa manifesta sobre o filho opera como um significante que condensa e possibilita a expressão de um sofrimento psíquico mais amplo, relacionado às suas próprias angústias no exercício da maternidade adotiva.

Inicialmente mais reservada, Maria passou, ao longo dos encontros, a compartilhar de forma mais ampla aspectos de sua vida familiar e conjugal, demonstrando progressiva abertura à escuta oferecida no grupo. Esse movimento de maior exposição pode ser compreendido à luz do conceito de resistência, tal como formulado pela psicanálise freudiana e retomado por autores contemporâneos, que a concebem não como oposição deliberada ao cuidado, mas como uma função defensiva do ego frente à angústia de acessar conteúdos dolorosos e de se confrontar com a possibilidade de mudança (Zimmerman, 2004). A sustentação de um enquadre consistente, caracterizado pela constância, pela ética e pela atitude de acolhimento das facilitadoras, favoreceu a construção de um espaço seguro de fala. O enquadre, entendido para além do espaço físico, funcionou como um continente simbólico para as ansiedades da participante (Reis, 2017), permitindo que Maria, aos poucos, flexibilizasse suas defesas e se envolvesse de forma mais reflexiva no processo grupal.

Entre suas queixas, destacou as diferenças entre sua forma de educar e a do ex-marido, cuja instabilidade emocional e comportamentos afetivos volúveis parecem repercutir na organização psíquica do menino. Relatou também o cansaço gerado pela sobrecarga nas tarefas domésticas, que recaem sobre ela, apesar de viver com o atual companheiro, que não costuma ter participação ativa nos cuidados com as crianças e nas tarefas domésticas. Maria manifestou insatisfação com a postura relapsa do parceiro em relação às demandas da casa e das crianças, o que tem contribuído para o distanciamento emocional entre ela e o marido.

A dinâmica familiar descrita por Maria pode ser analisada à luz da terapia familiar sistêmica. Os relatos sobre a instabilidade do ex-marido e a passividade do atual companheiro apontam para uma disfunção nas fronteiras do sistema familiar, conceito desenvolvido por Salvador Minuchin (Salvador Minuchin, como citado em Silva & Percicotte, 2024). A relação com o ex-marido parece configurar uma fronteira difusa, na qual conflitos externos permeiam e desestabilizam o núcleo familiar atual. Por outro lado, a não participação do companheiro nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos sugere uma fronteira rígida em torno de suas responsabilidades, isolando Maria em suas funções (Pereira, 2015). Essa configuração sistêmica resulta diretamente no fenômeno da sobrecarga materna, em que o esgotamento físico e psíquico de Maria se revela menos como uma falha individual e mais como um sintoma da estrutura familiar desequilibrada (Ferreira et al., 2023). O processo de Maria no grupo, nesse sentido, pode ser visto como uma busca pela diferenciação do self, conceito de Murray Bowen, que descreve a capacidade do indivíduo de manter sua autonomia emocional e intelectual, mesmo diante da pressão do sistema familiar (Martins et al., 2008). Ao fortalecer seu senso de si, Maria se capacita a retornar ao sistema e a renegociar essas fronteiras disfuncionais.

Em um dos encontros, Maria compartilha que, ao celebrar seu aniversário com colegas de trabalho, sentiu-se culpada por não ter preparado o jantar para a família. Contudo, foi surpreendida positivamente pela iniciativa do atual companheiro, que cozinhou pela primeira vez e recebeu elogios da filha. Esse episódio favoreceu reflexões sobre a necessidade de divisão mais equitativa das tarefas, levando Maria a reconhecer que seu esforço em fazer tudo sozinha acaba por limitar a participação dos demais membros da família. Este episódio do aniversário e a reflexão subsequente representam um momento crucial, cuja potência terapêutica foi amplificada pelo contexto grupal. A capacidade de Maria de transformar um evento, que poderia gerar apenas culpa, em uma oportunidade de aprendizado foi possibilitada pela função de holding exercida pelo grupo. Conceito cunhado por Winnicott, o holding diz respeito à sustentação psicológica que provê segurança e contém as ansiedades, permitindo que o indivíduo possa se arriscar a experienciar e a integrar novos afetos e percepções (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014). O grupo, com sua escuta atenta e de forma não judicativa, funcionou como um ambiente facilitador (Lescovar, 2004), um espaço que se adapta às necessidades emocionais do sujeito e permite a retomada de processos de amadurecimento interrompidos. Foi neste ambiente seguro que a aliança terapêutica pôde se consolidar (Gastaud & Nunes, 2010), entendida como a relação de colaboração consciente entre paciente e terapeuta (neste caso, estendida aos pares do grupo) em prol dos objetivos do tratamento (Benevides et al., 2010). A confiança estabelecida por meio do holding foi o alicerce que permitiu a Maria utilizar a aliança com o grupo para analisar criticamente sua própria postura e experimentar uma nova forma de se ver e de se relacionar.

A participante também expressou preocupação em abordar com o filho temas relacionados à sexualidade, revelando sentimentos de insegurança e retraimento diante da iminência da adolescência. Relatou ter encontrado conteúdos pornográficos no celular do menino, o que intensificou suas angústias quanto à segurança em relação às orientações à educação sexual do filho. Esse conteúdo inapropriado, como indagou Maria, era acessado pelo menino na casa de seu pai adotivo, ex-marido de Maria. As falas de Maria foram acolhidas com escuta e cuidado, e algumas intervenções pontuais — como recomendações para diálogo e compartilhamento de responsabilidades — foram oferecidas pelas estagiárias e demais participantes do grupo. Em um dos encontros, uma colega, estagiária, salientou a importância de manter um ambiente afetivo, sugerindo pequenos gestos como o cumprimento de bom dia, capazes de humanizar o cotidiano e facilitar a comunicação entre os membros da família.

As interações em grupo revelaram um movimento gradual de abertura, reconhecimento das próprias necessidades e elaboração das dificuldades enfrentadas. Cabe destacar que tais movimentos ocorreram no âmbito de um grupo de orientação parental de caráter psicoeducativo e reflexivo, não configurado como psicoterapia, sendo as elaborações subjetivas compreendidas como efeitos do vínculo grupal, da troca de experiências e do enquadre acolhedor, e não como resultado de um processo psicoterápico *stricto sensu*. Ao longo dos encontros, Maria demonstrou uma crescente capacidade de identificar suas emoções, nomear seus conflitos e refletir sobre sua posição nas relações familiares. Essa evolução pode ser compreendida pelo referencial teórico de Enrique Pichon-Rivière e seu conceito de grupo operativo (Bastos, 2010). Para Pichon-Rivière, o grupo se estrutura em torno de uma tarefa, que possui um nível explícito e um implícito. A tarefa explícita do grupo era a orientação parental; contudo, a verdadeira transformação ocorreu no nível da tarefa implícita: a elaboração das ansiedades básicas (medo da perda, medo do ataque) que paralisavam os participantes (Pichon-Rivière, como citado em Bastos, 2010). O processo de mudança de Maria se deu na dialética entre sua verticalidade (sua história singular, suas angústias, sua estrutura familiar) e a horizontalidade do grupo (o aqui e agora das interações, o clima compartilhado, as trocas entre os membros). Ao compartilhar sua verticalidade e ser acolhida pela horizontalidade grupal, Maria pôde construir um novo modelo mental para perceber a si mesma e o mundo, além de para operar sobre a realidade de forma mais adaptativa e saudável (Bastos, 2010). A sugestão de uma colega sobre o *bom dia*, por exemplo, opera nos dois níveis: na tarefa explícita, é uma dica de comunicação; na tarefa implícita, é uma intervenção que visa romper o padrão de isolamento e sofrimento que constituía o núcleo anterior de Maria.

Essa abertura progressiva possibilitou que ela compartilhasse vivências íntimas, acolhesse sugestões do grupo e experimentasse graduais movimentos de mudança no cotidiano. A participação constante no grupo favoreceu a criação de um espaço de confiança, no qual Maria se sentiu confortável para expressar suas angústias, inseguranças e frustrações, além de reconhecer suas conquistas. Tais avanços indicam um processo significativo de fortalecimento emocional, associado ao desenvolvimento de uma escuta mais sensível consigo mesma e com os outros. Maria demonstrou disposição para refletir sobre suas relações, expressar sentimentos e buscar alternativas mais saudáveis de convivência familiar, indicando um processo de fortalecimento emocional.

Ao final do semestre, a transformação era visível: a participante passou a se posicionar com mais segurança, demonstrava alegria ao chegar aos encontros, relatava momentos de autocuidado e se percebia mais fortalecida emocionalmente. A trajetória de Maria no grupo de orientação parental ilustra, de forma contundente, a potência de uma prática clínica que, embora focada em um indivíduo, se beneficia da articulação de múltiplos referenciais teóricos. A compreensão do caso foi enriquecida por uma abordagem pluralista, que integra contribuições da psicanálise, da terapia sistêmica e da psicologia dos grupos, refletindo uma tendência contemporânea da psicologia clínica no Brasil e no mundo de superar as fronteiras rígidas entre escolas de pensamento (Sundfeld, 2000). A análise da resistência e da *aliança terapêutica* (Zimerman), do ambiente de holding (Winnicott), das *fronteiras sistêmicas* (Minuchin), da *diferenciação do self* (Bowen) e da dinâmica do *grupo operativo* (Pichon-Rivière) não se mostrou excludente. Pelo contrário, cada referencial ofereceu uma lente distinta e complementar para iluminar diferentes facetas da complexa experiência de Maria, demonstrando que uma compreensão robusta do sofrimento psíquico e de seu tratamento emerge da capacidade de dialogar com diversas teorias, integrando-as em uma práxis clínica coerente e sensível à singularidade do sujeito.

## Considerações finais

O relato apresentado evidencia o potencial da orientação parental como prática de cuidado e transformação. O grupo se configurou como um espaço de vínculo, acolhimento e ressignificação de experiências maternas, promovendo efeitos terapêuticos relevantes e subjetivamente significativos. A atuação do psicólogo em contextos como esse é marcada por escuta, empatia, acolhimento e não julgamento. É justamente

nesse não lugar de respostas prontas que se revela sua potência: o psicólogo não dita regras, mas favorece o encontro do sujeito consigo mesmo e com o outro, promovendo transformações que se estendem para além da sala de atendimento. Isso se mostra especialmente relevante quando se trata de mulheres que acumulam responsabilidades, enfrentam relações afetivas frágeis e lidam com a falta de suporte social, emocional e prático no exercício da maternidade. O trabalho em grupo, quando conduzido com responsabilidade, sensibilidade e ética, possibilita às mulheres reconhecerem seus limites, desenvolverem estratégias de cuidado mais equilibradas e, sobretudo, sentirem-se vistas, ouvidas e legitimadas em suas dificuldades e desejos.

A participante selecionada como foco deste relato, que inicialmente apresentava-se retraída e com semblante abatido, foi se abrindo gradualmente ao longo dos encontros. Suas falas revelavam sobrecarga emocional, conflitos conjugais, dificuldades com o filho adolescente e sensação de solidão. Através das escutas coletivas e das trocas no grupo, foi possível observar sua evolução: passou a reconhecer suas próprias necessidades, refletir sobre a divisão de tarefas domésticas e buscar novos posicionamentos nas relações familiares.

À experiência vivida neste estágio, relacionam-se os apontamentos de autores como Gonçalves et al. (2020), que destacam o papel do psicólogo na construção de vínculos de confiança e na promoção da autonomia parental. O grupo de orientação funcionou como espaço de elaboração, escuta e empoderamento. As transformações observadas não ocorreram por imposições, mas através do acolhimento e da escuta qualificada. O vínculo terapêutico não se dá apenas por técnicas, mas pela presença ética e afetiva do profissional, que se dispõe ao encontro genuíno com o outro (Trad, 2006).

Para o processo de formação em Psicologia, essa vivência permitiu à estagiária construir um olhar mais sensível, ético e engajado com a singularidade dos sujeitos, respeitando suas histórias, formas de expressão e condições de vida. O contato direto com as participantes, especialmente com Maria, favoreceu o reconhecimento das múltiplas dimensões envolvidas no sofrimento psíquico, muitas vezes atravessado por questões socioeconômicas e de gênero. A participação no grupo de orientação parental possibilitou não apenas o aprendizado de técnicas de condução de grupos, como também o desenvolvimento da escuta qualificada, da observação clínica e da capacidade de acompanhar processos subjetivos sem antecipação de diagnósticos ou soluções. Essa experiência propiciou uma compreensão mais profunda da realidade de mulheres em situação de vulnerabilidade social, das demandas que emergem nesses contextos e da importância de intervenções acolhedoras, contextualizadas e comprometidas com a singularidade e a dignidade de cada sujeito. Além disso, permitiu à estagiária refletir sobre sua própria postura profissional, suas inseguranças e seu papel ético como futura psicóloga.

## Referências

- Bastos, A. B. B. I. (2010). A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo em Formação*, 14(14), 160-169. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092010000100010&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092010000100010&script=sci_abstract)
- Benevides, D. S., Germane, Pinto, A. G. A., Cavalcante, C. M., & Jorge, M. S. B. (2010). Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface – comunicação, saúde educação*, 14(32), 127–165. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000100011>
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016: Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*. [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581)
- Carvalho, O., Lobo, C. C., Menezes, J., & Oliveira, B. (2019). O valor das práticas de educação parental: visão dos profissionais. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 27(104), 654–684. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701653>
- Conselho Federal de Psicologia. (2024, 18 de dezembro). *Conselho Federal lança cartilha sobre estágios em Psicologia*. CFP. <https://site.cfp.org.br/conselho-federal-lanca-cartilha-sobre-estagios-em-psicologia>

- Conselho Federal de Psicologia (2005). Código de Ética Profissional do Psicólogo. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde (2016). Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. (Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016). [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html)
- Faculdade Anhanguera (2024). Diário de campo de Estágio Curricular. Faculdade Anhanguera Zona Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Faria, F. L., & Nogueira, K. S. C. (2021). Contribuições dos diários de campo para a formação de um grupo de licenciandos em química. *Interfaces da Educação*, 12(35), 448–466. <https://doi.org/10.26514/inter.v12i35.4975>
- Féres-Carneiro, T. (2009). *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Editora PUC Rio.
- Ferreira, B. S., Menezes, R. C. S. B., & Marinho, R. S. (2023). *Mães que caminham sozinhas: quais os impactos psicossociais da maternidade monoparental*. [Trabalho de Conclusão de Curso, UNIBRA]. <https://www.grupounibra.com/repositorio/PSICO/2023/maes-que-caminham-sozinhas-quais-os-impactos-psicossociais-da-maternidade-monoparental.pdf>
- Gastaud, M. B., & Nunes, M. L. T. (2010). Abandono de tratamento na psicoterapia psicanalítica: em busca de definição. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(3), 247–254. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000300012>
- Gonçalves, J. C., Delvan, J. S., Oliveira, A. J., Abbud, A. S., Loos, V. N., & Bortolato, M. O. (2020). Grupos de orientação parental: Um relato de experiência. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(3), 364–373. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v9i3.2782>
- IBGE. (2023). *Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>
- Lescovar, G. Z. (2004). As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott. *Estudos de Psicologia*, 21(2), 43–61. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000200004>
- Macarini, S. M., Martins, G. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 119-134. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000100013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100013&lng=pt&tlng=pt)
- Martins E. M. A., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181–197. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000200005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005)
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26(2), 49-62. <https://www.scielo.br/j/pc/a/wLtHmFGfDBWy4vR5Mwdt9Nb/abstract/?lang=pt>
- Pardo, M. B. L., & Carvalho, M. M. S. B. (2012). Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. *Contextos Clínicos*, 5(2), 80–87. <https://doi.org/10.4013/ctc.2012.52.02>
- Pereira, F. S. (2015). Funcionamento Familiar num Contexto de Vulnerabilidade Psicossocial: Um Estudo de Caso. *Anais do 15º Congresso Nacional de Iniciação Científica do SEMESP*. <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000020017.pdf>
- Quiterio, P. L., Leme, V. B. R., Carmo, M. M. I. do B., Silva, J. P., & Camelo, B. de L. (2021). Programa de orientação familiar desenvolvido no serviço de psicologia aplicada de uma universidade pública. *Psicologia Clínica*, 33(1), 119–139. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n01A06>
- Reis, M. E. B. T. (2017). Consultório invisível: reflexões sobre o setting. In M. B. Sei (Org.), *Discussões sobre a clínica extramuros: quais são os settings possíveis? Resumos e textos completos da II Jornada de Práticas Clínicas em Psicologia* (pp. 35-40). UEL.
- Schwochow, M. S., & Frizzo, G. B. (2021). Mulheres em Espera pela Adoção: Sentimentos Apresentados nas Diferentes Etapas Desse Processo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(3), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003201165>
- Silva, D. D., & Percicotte, J. P. (2024). A comunicação nos sistemas familiares – uma revisão literária. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(5), 2591–2593. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13961>

- Silva, J. A. P. da, Coelho, M. T. Á. D., & Pontes, S. A. (2019). *Estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica: Uma revisão de literatura*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35433. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35433>
- Sundfeld, A. C. (2000). Abordagem integrativa: reterritorialização do saber clínico? *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 16(3), 251–257. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300008>
- Trad, L. A. B. (2006). Humanização do Encontro com o Usuário no Contexto da Atenção Básica. In S. F. Deslandes (org), *Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas* (pp. 185-187). Editora FIOCRUZ.
- Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. (n.d.). *Adoção à brasileira*. TJDF – Direito Fácil. <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/adocao-a-brasileira>.
- Zimerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica*. Artmed.